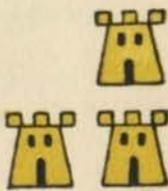


Annibal Soares



Chronica

do

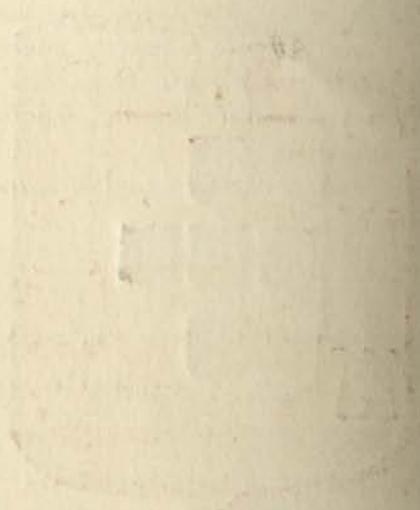
Exilio 

PARIS

EMPRESA EDITORA

"CHRONICA DO EXILIO"

Chronique de l'année



# Chronica do Exilio

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Empreza Editora "Chronica do Exilio", 7, rue Laffitte, PARIS

Telephone : 324-26

PREÇO DA ASSIGNATURA (Franco de porte) Pagamento adeantado	Anno . . . . .	Fr. 14
	Semestre . . . . .	7.50
	Numero avulso . . . . .	0.30

## SUMMARIO :

*De como os paradoxos dos monarchicos se fazem realidades republicanas : o snr. Affonso Costa no poder — e nas Finanças.*

*Onde se prova que a Republica tem ido sempre a direito.*

*Primeiro decreto do snr. Affonso Costa, primeira asneira : a composição do ministerio.*

*De como o regimen vacilla entre dois generos de morte.*

*Breves reflexões sobre o "santo varão".*

**Q**UANDO em tempo da Monarchia, nas cava-  
queiras de redacção ou pelos Passos Perdidos,  
se imaginavam em tom de *blague* futuros  
ministerios republicanos, surgiam, por  
exemplo, ideias d'estas : « O França Borges para a  
Instrucção Publica »... — « Para a Justiça, acudia  
outro, o *Petiz das Gravatas*. » (O *Petiz das Gravatas*,  
se o leitor bem se lembra, era um dos mais brilhantes  
ornamentos do Bairro Alto, frequentador fervoroso  
dos comicios revolucionarios, tanto como da Boa-  
Hora, e que depois da Republica desapareceu, sendo  
provavel que a esta data se encontre, sob outro nome,  
director geral d'alguma secretaria do Estado.) E para  
rematar esta especie d'*argumentação por absurdo*,  
sempre alguma voz, de lado, acabava por lembrar :

— E o Affonso Costa na Fazenda...

Com o que cada um se apartava para ir á sua vida,  
rindo n'um ar de bonhomia, e como que a dizer aos  
seus botões :

— Que rosario de disparates !...

Pois ahi o teem, na Fazenda ! Entregou-lh'a n'um  
abrir e fechar d'olhos, com a Presidencia do Conselho,

o « venerando chefe do Estado », como quem sem hesitar confiasse um sacco d'oiro em pó a um... ao... emfim, ao snr. Affonso Costa. E agora se comprehende que o snr. Manuel d'Arriaga nem insista pela amnistia, nem se deite abaixo da burra. E' que o « santo varão » e « honrado patriota » continúa aguardando impassivel, como em outubro ultimo, que os presos politicos « *com provas evidentes sejam obrigados a reconhecer que nunca o erario publico esteve mais zelosamente fiscalizado e defendido do que no actual regimen* »...

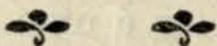
Força é no entanto reconhecer que o episodio que acaba de passar-se, e que por amor das formulas se chama *resolução da crise ministerial*, foi como devia ser e seguiu os seus tramites normaes. Ha mais d'um mez a CHRONICA, registando a noticia de que o ministerio Duarte Leite se encontrava á beira da demissão, escrevia textualmente: « E' crível que a nova sucia dirigente pertença, mais volta menos volta, áquella quadrilha de fórmias exteriormente politicas que o snr. Affonso Costa capitaneia e que é, como se sabe, o proprio *triple extrait* da infima demagogia nacional. »

E' que a CHRONICA sabe que a Historia tem uma logica, a qual desenha os traços geraes da vida dos povos e das instituições — e que as suas rigidas leis subjugam, como um collete de forças, até mesmo os regimens como a Republica portugueza, cuja marcha parece o caprichoso e allucinado errar d'uma turbamulta de doidos atravez d'um campo sem limites, sem trilhos e sem pontos de referencia...

« Parece » ; mas não é. Na realidade, o desenrolar do quadro historico que o mundo vae vendo apparecer deante dos seus olhos ha vinte e sete mezes constitue, ao invez d'isso, um modelo de coherencia, de precisão e de firmeza.

Cada passo que a Republica esboça na escura vastidão d'aquelle atoleiro em que nasceu e em que se debate, por mais que se afigure incerto e tacteante, pelo contrario resulta fatalmente do que o antecedeu e ineluctavelmente condiciona aquelle que vae seguir-se. Qualquer mediocre estudioso d'esta espe-

cie de phenomenos poderia ter traçado *a priori*, sobre uma folha de papel branco, este attribulado e, aparentemente, phantasioso itinerario das nossas hordas jacobinas. De resto, elle está conhecido e explorado desde ha seculos; tem-no *invariavelmente* seguido, desde as origens da sociedade, todos os regimens demagogicos e, como taes, inadaptaveis e inviaveis. E' curto, e não tem senão uma sahida, onde todos vão inexoravelmente mergulhar : chama-se a *porta da morte*. Nunca encontrou mais segura applicação o velho proloquio portuguez : *Deus escreve direito por linhas tortas*.



Eu vou tentar explicar-me.

O triumpho do snr. Affonso Costa é na realidade um triumpho do seu instincto; o erro do snr. Antonio J. d'Almeida é um erro d'intelligencia, que lhe acarretou a derrota.

O snr. Antonio José d'Almeida é pelo seu temperamento e pela sua mentalidade um radical jacobino, tão insensato e tão desaustinado como o snr. Affonso Costa. Porventura menos perverso por indole do que este ultimo, o seu estreito sectarismo iguala-o a elle, na pratica, em ferocidade. Se o snr. Almeida se tem abandonado sem constrangimento a este seu character natural, mantendo na politica republicana o feitio demagogico que se lhe conhecia da opposição e do governo provisorio, as suas probabilidades de exito seriam pelo menos iguaes ás de energumeno que occupa hoje a Presidencia do Conselho.

Mas o snr. Almeida preferiu afivellar-se dentro da politica republicana a mascara de conservador. Rigorosamente falando — *jogou no conservantismo*. Este jogo seria habil e mais do que isso, seria seguro em Portugal, se a Republica estivesse em relações com o paiz, se o espelhasse, se não fosse dentro d'elle uma coisa apárte, um corpo estranho e inassimilavel, se pudesse ir buscar alimento, seiva, vida, ás

correntes da opinião nacional — com as quaes, pelo contrario, não tem communição d'especie alguma.

Imaginemos um individuo, que chegado ao meio d'um ridente laranjal cravasse no chão o seu cajado, e começasse logo a desdobrar a saccola onde havia de recolher os pomos d'ouro... esquecendo apenas que para os ter seria necessario, em primeiro logar, que o seu bordão fosse de laranjeira, e depois que estivesse em communhão com a terra pelos tentaculos insinuantes e profundos das suas mil raizes...

O snr. Antonio J. d'Almeida foi este homem. Elle não viu que o paiz — conservador, sim — não alimenta a Republica com os seus sentimentos e com o seu espirito ; que o paiz é uma coisa e a Republica é outra ; que esta se encontra para com aquelle como a estaca espetada n'um areal. Não viu que a Republica — alheia, de resto, ás naturaes tendencias e necessidades politicas da nação — não podia ser senão o monstro ensanguentado e ululante que elle, Antonio J. d'Almeida, com os seus companheiros de propaganda, tinha concebido na opposição, e carinhosamente amamentára e encaminhára, tal qual é, nos tempos ignominiosos do governo provisorio. Não viu que o regimen, vindo d'onde veio e como veio, tem que ser demagogico, e que tudo quanto estiver fóra da demagogia está fóra da Republica.

D'ahi a sua *falsa-manobra*.

Ora o Snr. Affonso Costa tambem não viu nada d'isto, porque não ha na politica ninguem menos capaz de vêr, ou de prevêr. O que elle fez foi *ir andando*, sem indagar para onde, meramente ao sabor dos seus instinctos de criminoso, do seu espirito vandalico, rancoroso e cruel, da sua quasi inconsciente, mas imperiosa, necessidade de vingança contra uma sociedade na qual entrou, ao que dizem, pela porta da sacristia, e que sempre o teve ao largo e de quarentena por serem os seus habitos, os seus sentimentos e os seus processos inteiramente desconformes d'aquillo que impõe a moral corrente, quando não até o simples direito commum.

Está visto que uma pessoa que seguisse por este rumo havia de necessariamente encontrar-se no caminho da Republica portugueza, á frente d'ella e acclamada por ella ; e eis o segredo do triumpho do snr. Affonso Costa.

Sob o governo provisorio, como sob os ministerios dos snrs. Chagas, Vasconcellos e Leite, a Republica nunca deixou de ser tumultuaria, brutal, effervescente, anarchica. Mas allegavam alguns que todo esse lapso — de mais de dois annos ! — era na realidade um periodo transitorio, incaracteristico, e que só o advento do primeiro ministerio partidario definiria a indole e a politica da Republica.

Chegou com effeito o momento em que o regimen tinha que escolher entre uma politica de taboleta conservadora e conciliadora, e uma politica francamente sectarista, atrabiliaria, violenta, revulsiva, demagogica ; politica de guerra a tudo e a todos, fóra da minuscula e desvairada conrobia affonsina ; politica tambem d'arranjos e latrocinios, symbolizada pelo snr. Affonso Costa na pasta das Finanças, pelo homem da impudente roubalheira d'Ambaca na pasta da Marinha. Então o regimen definiu-se, e foi cair — pesadamente !... — nos braços do snr. Affonso Costa.

Eis o que estava predeterminado pela logica da Historia ; eis onde eu encontro a coherencia da Republica, a fatal e terrivel segurança do seu caminhar, atravez e a despeito de todas as apparentes incertezas.

Tambem o hypnotisado hesita, vacilla, torneia — e comtudo lá vae ineluctavelmente aonde o ordena a força mysteriosa mas irremovivel que de longe o domina e o conduz.

A Republica, desde agora — e ainda para os ultimos Abencerragens da illusão d'uma Republica normal, viavel, adaptavel — é pois decidida e definitivamente um *governo demagogico*. Adoptou essa... *fórma politica* logo que teve que pronunciar-se n'um sentido abertamente partidario.

Mas quem diz *demagogia* diz turba-multa, diz desordem, diz massa inorganizada, desconnexa e ingovernavel. Na realidade nunca houve nem *regimens demagogicos* nem *governos demagogicos*. O que tem havido é, na historia d'alguns povos, *periodos demagogicos*, que não são mais do que ephemeras anomalias, collapsos breves, que infallivelmente acarretam a perda das instituições e dos homens que ligaram á demagogia a sua existencia e os seus destinos, symbolisando-a, condicionando-a ou substanciando-se n'ella.

A Republica é em Portugal a condição do demagogismo ; mais do que isso, identifica-se, confunde-se com o demagogismo.

Vae morrer com elle.



E os meus leitores não suppoem decerto que o snr. Affonso Costa, com a récua de *pilecas* que recrutou para puxarem com elle o carro do Estado, vae habilmente furtar (diga-se sem segundo sentido) furtar a Republica aos logicos e fulminantes destinos que lhe estão traçados.

O snr. Affonso Costa é *o mais incompetente* d'entre todos os incompetentes politicos do regimen ; e é tambem o mais desacreditado. Nenhum possui menos tino politico ; nenhum accumula em menos tempo mais dislates ; nenhum pratica tão estouvada e diligentemente maior numero de tolices irreparaveis, nenhum com tamanho fervor e afinco se entrega á tarefa d'asphyxiar a Republica, isolando-a do paiz, fazendo em torno d'ella o vácuo mortal.

Relanceiem os olhos pela historia da Republica e pela sua situação em Portugal ; recordem todas as medidas legislativas, todas as decisões parlamentares, todos os actos de governo, todos os factos e todas as palavras que teem mais particularmente indisposto e irritado a opinião, tanto no paiz como no estrangeiro, que teem atacado mais interesses legitimos e

offendido mais sentimentos respeitaveis, que teem creado ao regimen mais difficuldades, que teem concitado contra elle mais antipathias e mais odios : é tudo do snr. Affonso Costa — foi tudo feito, inspirado ou applaudido por elle.

Sem este discolo, a Republica tambem não faria coisa com coisa, nem se adaptaria melhor ao paiz ; mas a sua atmospheria seria evidentemente menos annuviada, dentro e fóra das fronteiras. O snr. Affonso Costa é para nós o *homem representativo* e o argumento sempre á mão. É precioso.

Banindo-me de Portugal, a Republica privou-me d'uma fortuna, porque eu estava para montar ali uma grande empreza. Era uma especie de Companhia de Seguros, não contra o perigo d'incendio ou d'inundação, mas pura e simplesmente contra o *risco de coisa acertada*, que pudesse ser dita ou feita pelos governantes republicanos.

Como o nosso monarchico é em geral melancolico e pessimista, sempre propenso a recear que a Republica « d'esta vez se consolide » e « que este diabo agora dê alguma coisa », faço ideia que principalmente nas occasiões de queda de governo ou de recomposição ministerial me cairia no escriptorio a thalassada toda, a jogar na sapiencia e no exito dos novos dirigentes — e emfim, deitando de contas que mal por mal, ao menos não se perdesse o ensejo de fazer um rico negocio. E eu a atulhar o cofre...

Pois se n'este momento a minha empreza estivesse prosperando em Portugal, tanto quanto o merecia pela constancia dos republicanos na imbecilidade, eu com a subida do snr. Affonso Costa abaixava o premio ao minimo, e multiplicava por cinco o montante da indemnisação. Se entre os « estadistas » do regimen ha algum mais incapaz do que os outros de se aguentar no governo com uns vislumbres de juizo e de tacto, esse é o snr. Affonso Costa.

Querem uma nova prova, frisante e incisiva?

A inepecia politica do snr. Affonso Costa está es-

cripta e escarrada na organização do actual ministério.

Este homem é chamado ao poder no momento em que a situação internacional da Republica atravessa uma crise tremenda, mercê, sobretudo, da irritação produzida na opinião europeia pelo seu revolucionarismo de jacto continuo, pela feição « carbonaria » do regimen, pelo seu atrabiliario irrequietismo, pelo desassocego em que os excessos jacobinos mantem o paiz ha mais de dois annos, ininterruptamente ; e tambem pela impudica immoralidade administrativa dos governantes.

Este homem vê jornaes como o TEMPS — que pelas suas affinidades maçonicas e por outros motivos não menos impressionantes sempre foi favoravel á Republica — alarmarem-se com o estado de desordem permanente, creada em Portugal pela politica republicana ; vê a imprensa ingleza, pela voz dos seus órgãos mais respeitaveis e mais auctorisados, sustentar uma verdadeira campanha sobre as tropelias da Republica, sobre a indisciplina social que ella provocou e alimenta, sobre os desbragamentos e os escandalos da sua administração financeira — isto com uma tenacidade que dá que pensar, e em termos d'uma rudeza absolutamente excepcional no moderado jornalismo britannico.

Vá que o snr. Affonso Costa, representação e symbolo exactamente do jacobinismo mais destrambelhado, mais chinfrineiro e portanto mais mal-visto, não fizesse á Republica, n'esta conjunctura grave, o sacrificio de recusar o poder. Admittamos mesmo que teimasse em se apossar elle proprio da gerencia das Finanças, sem embargo das considerações que correntemente se fazem a respeito do seu nome, n'estas coisas de manejo de dinheiros : o chefe democratico espiava desde ha muito essa pasta para sobre ella exercer a sua actividade — e ninguem vae pedir á aranha que deixe fugir a mosca para não prejudicar a reputação dos arachnideos... Mas feitas estas importantes concessões á sua vaidade e aos seus mais

urgentes interesses materiaes, o snr. Affonso Costa — perante as indicadas e insistentes manifestações de mau-humor da opinião europeia — se possuísse uma restea de senso politico (ou commum) trataria evidentemente d'organisar um ministerio quanto possivel destituido d'uma accentuada significação jacobina ; um ministerio que, embora não lograsse attenuar a detestavel impressão causada no estrangeiro pelo acceso dos radicaes (e que radicaes!...) ao poder n'um paiz anarchisado, pelo menos não viesse aggravar essa impressão pelo seu character accintosa e retintamente demagogico.

Em vez d'isso o que faz o snr. Affonso Costa? Quando a Europa clama que os processos dissolventes da Republica são inadmissiveis por mais tempo, que o regimen não faz senão dominar pelo terror, deslaçar a disciplina, destruir as hierarchias, subverter a ordem social — este « homem d'Estado » atira-lhe á cara um governo em que o *chefe da carbonaria* é ministro do Fomento, em que o ministro do Interior é um apologista *official* da zaragata de rua, em que o *chefe dos Jovens-Turcos* é o ministro da Guerra, e em que o ministro da Justiça é um outro *Joven-Turquete* subalterno, da camarilha d'alferesoques e tenentesecos que teem collaborado com o coronel Barreto na tarefa consciente e propositada de perverter, indisciplinar e desorganisar o exercito !!

E como se isto fôsse pouco, no momento preciso em que a imprensa de todo o mundo verbéra a cynica immoralidade administrativa do regimen, o mesmo « estadista » colloca no governo um individuo, corrido d'um ministerio anterior no momento em que veiu a lume o ignobil *negocio d'Ambaca* — que está pendente e vae decerto agora ser *realisado*, com o seu beneficio de milhares de contos extorquidos á nação!...

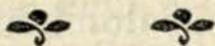
E é isto porque o snr. Affonso Costa não pudesse dar outra composição ao ministerio? De modo algum. Ministros como aquelles tinha quantos quizesse. Qualquer « independente » vale o snr. Silva ; qualquer dos videirinhos que o circumdam, tirado

á sorte, vale o snr. Castro ; — e qualquer vale mais que o snr. Freitas Ribeiro.

Escusam de procurar outra explicação : é a *vertigem da asneira* ; é a *vocação* ; é a fundamental incapacidade de vêr, prevêr ou presentir o que sejam conveniencias politicas ; é a fatalidade que o arrasta a fazer sempre o inverso do que o tino politico aconselha.

O paiz vae assistir, sob o governo do chefe demagogico, a uma girandola de disparates e de *tolices*, que d'aqui a pouco nem o snr. Affonso Costa sabe por onde entrou, nem por onde ha de sair.

Ficamos por elle — e tomem nota do dia...



E ao cabo de tudo, o mais curioso é que este ministerio chamado *partidario* não é senão um ministerio *concentrado* — mais ou menos como aquelles que o antecederam. A sua existencia é por igual precaria.

Isto é, o *gâchis* continúa ; alem de tudo e constituindo o fundo do quadro, a doença incuravel da Republica, a *impotencia*, a *impossibilidade de marchar*, mantem-se com a mesma acuidade, ou antes, segue os seus tramites para o mesmo logico e inevitavel desfecho.

Quer dizer : o regimen, se não succumbisse aos remedios do snr. Affonso Costa, acabaria, conforme estava escripto, d'inanidade. Como Sganarello, o snr. Affonso Costa e os seus collegas vieram *esperal-o na agonia*...

A Republica, se tivesse espirito, repetir-lhes-ia a celebre supplica derradeira de Samuel Garth, moribundo, aos sete medicos que lhe cercavam o leito : « Dear gentlemen, let me die a natural death ! » — *Meus caros senhores : deixem-me morrer de morte natural !...*

**O santo** Desde o principio me recusei a crêr  
**varão** na sinceridade dos propositos e dos  
pontos de vista annunciados e expostos pelo snr.  
Arriaga na sua immortal missiva ao « presado amigo »  
Leite ; e expliquei porquê. Mas sinceros ou não, elles  
fôram escriptos, vieram a publico, definem e com-  
promettem officialmente a opinião do Presidente da  
Republica.

E não se trata de qualquer secundaria e anodyna  
providencia ministerial. Para o snr. Manuel d'Arriaga,  
« chefe do Estado », o immediato decretamento do  
indulto dos bispos e da amnistia aos presos politicos  
são duas medidas não só d'equidade e opportuna  
clemencia, mas d'importancia primaria para o  
progresso da Republica e para o cumprimento da  
sua missão como « regimen nacional ». Pelo contrario  
para o snr. Affonso Costa, segundo a opinião dos seus  
canudos jornalisticos, tudo isso não passava d'*elo-  
quente testemunho d'imbecilidade*.

Recebeu o snr. Arriaga a resposta do governo, re-  
cusando-lhe aquillo que elle *propunha*, quando con-  
stitucionalmente podia e devia *fazel-o decretar*. E o  
governo *ficou* ; e o snr. Arriaga *ficou*. Mas cae o mi-  
nisterio poucos dias depois, por motivos alheios a esta  
questão ; fracassam as negociações do chefe politico que,  
conforme as vistas presidenciaes, incluia no seu pro-  
gramma a amnistia. Fracassam *exactamente por causa  
d'isso*. E o snr. Arriaga, sem olhar para traz, chama o  
snr. Affonso Costa... isto é, concede a sua *confiança  
politica*, que é uma condição d'existencia dos gover-  
nos, ao homem publico que n'uma questão funda-  
mental da politica republicana pensa de maneira  
diametralmente opposta ao snr. Arriaga ; ao homem  
publico que faz d'esse modo de vêr uma das bases do  
seu programma ministerial, e que, se poude organizar  
governo e ir ao poder, *foi precisamente por querer  
o contrario d'aquillo que quer o snr. Manuel d'Arriaga...*

E o snr. Arriaga fica ! Fica, com o seu prestigio  
pessoal e politico arrastado pela lama ; fica, com o  
labeu d'*imbecil*, que lhe mandou lançar o Presidente

do Conselho ; fica, a sustentar e a subscrever uma politica que a elle lhe parece cruel, iniqua, e nociva ás conveniencias da Republica ! Fica, para que com o seu assentimento se possa agora affirmar que a Republica *sempre é peor do que dizem !...*

O snr. Manuel d'Arriaga é um homem d'avanzados annos ; já chegou a um posto que a sua minguada capacidade, os seus nullos meritos politicos nunca lhe poderiam ter permittido sonhar que attingiria em tempo algum ; já sabe o que é ser *Presidente da Republica portugueza*, e sobretudo o que isso custa em desconsiderações e enxovalhos, de dentro e de fóra do paiz. Estão-lhe fechadas as portas da ambição de honrarias ou de proventos.

Mas tinha ainda entre-aberta a porta d'uma ultima aspiração : a de salvar o seu nome d'esta asquerosa enxurrada em que os outros vão rolando para um fundo absyso, onde só irá olhal-os um dia a justiça da Historia, chamada pelos clamores d'uma Patria em ruinas.

Entregasse ao snr. Affonso Costa, muito embora, a missão de formar gabinete, se essa era a indicação parlamentar ; mas constituído o ministerio, deixasse immediatamente a Presidencia da Republica.

O paiz, que na grande massa é sempre o mesmo sentimentalão, esqueceria depressa as inconveniencias que o snr. Arriaga tem proferido, a sua indeclinavel solidariedade nas violencias, nas torpezas e nos escandalos administrativos do regimen, até mesmo os seus ridiculos. E no estrangeiro, onde a situação atroz dos presos politicos portuguezes é uma questão que apaixonou, o gesto do snr. Arriaga teria uma repercussão mundial e elevall-o-ia ás culminancias d'uma celebre e grande figura politica — a elle, triste advogado de policias correccionaes na rua do Crucifixo!...

Mas cada um é como Deus o fez, e ainda não se descobriu processo de dar largueza de vistas á toupeira, nem de fazer passar por aguia uma gallinha.

ANNIBAL SOARES.

